



PELO DIREITO DA MEDIOCRIDADE DE ENSINO OU COMO SER UM PROFE QUEER E CRIP

Salem

Sou professor², uma pessoa queer e disca³. Anarquista, antiespecista e mil outras coisas. Possuir posições políticas radicais implica sempre mantê-las em mente, às vezes para nosso pesar. Isso inclui a sala de aula quando ensinamos.

Como conciliar meus ideais com as estruturas coercitivas que dominam a escola? Se pode? Eu não estou falando sobre essa conversa de “mudar o sistema de dentro” ou qualquer coisa. Frase que, aliás, é muito problemática.

Quem está imerse na pedagogia formal, ou seja, cursando-a na universidade, acaba sempre ouvindo um discurso muito

² Para esta escrita, serão usado como sinonimos de crip “disca” e de queer “marica”, que seria uma interpretação de similes em espanhol.

¹ Me chamo Bärbel ou Salem, tenho uma página no Instagram chamada @pizarralibertaria e me dedico a ler e, de vez em quando, gerar reflexões através de escritos e colagens. Estou prestes a receber meu diploma como professor de artes. Gosto muito de falar sobre pedagogias libertárias, queer e crip e ajudar no que puder, por isso convido você a conversar livremente comigo, meu email é pizarralibertaria@gmail.com. Atualmente estou fazendo uma estada na Unesp em São Paulo

³ Em espanhol usamos "discapacidad" em vez de deficiência, então neste escrito "disca" será usado como uma reapropriação desse conceito.

POR EL DERECHO A LA MEDIOCRIDAD DOCENTE O CÓMO SER UNE PROFE QUEER Y CRIP

Salem

Soy profesor⁴, una persona queer y disca. Anarquista, antiespecista y mil cosas más. Poseer posiciones políticas radicales implica tenerlas presente siempre, en ocasiones para nuestro pesar. Esto incluye el aula cuando ejercemos docencia.

¿Cómo concilio mis ideales con las estructuras coercitivas que dominan en la escuela? ¿Se puede? No estoy hablando de este discurso de “cambiar el sistema desde dentro” ni nada. Frase que que, por cierto, es muy problemática. Quienes hemos estado inmerses en la pedagogía formal, es decir, estudiarla en la universidad, siempre terminamos escuchando un discurso que es muy

⁴ Me hago llamar Bärbel o Salem, tengo una página en instagram llamada @pizarralibertaria y me dedico a leer y, de vez en cuando, a generar reflexiones a través de escritos y collages. Estoy al borde de recibir mi título como profesor de artes plásticas. Gusto mucho de hablar sobre pedagogías libertarias, queer y crip y ayudar en lo que pueda, así que les dejo cordialmente invitades a que me hablen con total libertad, mi correo es pizarralibertaria@gmail.com.



comum; ser professor é um ato político. E eu não nego isso, ninguém poderia fazer isso. Mas talvez seja importante refletir sobre isso, porque, pelo menos para mim, desconfio. Que seja uma visão tão generalizada nas instituições que existem para criar cidadãos que continuem a fazer este mundo em que vivemos funcionar. “A educação vai mudar o mundo”, dizem em todos os lugares. Muitos até citam a Freire em matérias pedagógicas e há ainda alguns mais ousados que vão além e mostram alternativas pedagógicas ainda mais radicais, como a pedagogia libertária dentro dos espaços de formação de professores. Eu não tive essa sorte. Concordo, a educação vai mudar o mundo, mas não aquela que foi institucionalizada pelo Estado e pelo capital. Aqueles de nós que ingressam na carreira educacional por “vocação” sempre têm esse ideal dentro de nós. Mas com o tempo isso se desgasta. É normal, precisamos sobreviver e as instâncias que as escolas, colégios, faculdades e universidades nos dão não nos deixam muito para agir. Um educador anarquista disse certa vez que práticas libertárias podem ser geradas dentro das instituições formais de ensino⁵, entendendo que quase ninguém tem a opção de atuar como tal.

⁵ Silvio Gallo reflete sobre isso em várias ocasiões.

común; *ser profe es un acto político*. Y no lo niego, nadie podría hacerlo. Pero quizás es importante reflexionar al respecto, porque, al menos para mí, me genera recelo que sea una visión tan generalizada en instituciones que existen para crear ciudadanos que sigan haciendo que este mundo en el que vivimos siga funcionando. “La educación cambiará el mundo”, dicen en todos lados. Muchas incluso citan a Freire en las asignaturas pedagógicas e incluso hay algunas más osadas que van más allá y muestran alternativas pedagógicas aún más radicales, como la pedagogía libertaria dentro de espacios de formación docente. Yo no he tenido esa suerte. Estoy de acuerdo, la educación cambiará al mundo, pero no la que ha sido institucionalizada por el estado y el capital. Quienes entramos a una carrera de educación por “vocación” siempre tenemos ese ideal dentro nuestro. Pero con el tiempo se va apagando. Y es normal, necesitamos sobrevivir y las instancias que nos dan las escuelas, liceos, colegios y universidades no nos dejan mucho para accionar. Un educador anarquista dijo una vez que se pueden generar prácticas libertarias dentro de las instituciones educativas formales⁶, entendiendo que casi nadie tiene la opción de accionar como tal.

⁶ Silvio Gallo reflexiona sobre esto en varias ocasiones.



Assim, é impossível negar que o ensino é uma prática política e que, portanto, não existe educação neutra⁷. Podemos aceitá-lo ou ignorá-lo, mas é um fato. A “educação”⁸ que nós proporcionamos sempre terá um efeito naqueles que estamos educando. Minha proposta para esta ocasião é refletir sobre o quão une como educadore atua em situações em que nossos ideais são postos à prova e somos obrigades a assumir uma posição que afetará no futuro como nosses alunes, colegas e nós mesmas nos perceberemos em relação entre nossa fala e ação.

Essa reflexão decorre do constante paqueo⁹ que eu e meus compas nos impomos na hora de ensinar enquanto somos seres queer e discas, nos vendo superades e encurralades praticamente todos os dias. Será esta uma crítica a esta visão do professor como um ser corajoso que deve ser um exemplo a seguir, como um ser que tem todas as

Entonces, es imposible negar que la docencia es una práctica política y que, por ello, la educación neutral no existe¹⁰. Podemos aceptarlo o ignorarlo, pero es un hecho. La “educación”¹¹ que brindamos siempre tendrá un efecto en quienes estamos educando. Mi propuesta para esta ocasión es reflexionar sobre cómo une como educadore actúa frente a situaciones donde se ponen a prueba nuestros ideales y nos vemos en la obligación de tomar una posición que afectará a futuro cómo nos percibirán nuestros estudiantes, colegas y nosotros mismos sobre la relación entre nuestro discurso y cómo actuamos.

Esta reflexión nace del constante paqueo¹² que mis compas y yo mismo nos hemos impuesto a la hora de ejercer docencia a la vez que somos seres queer y discas, viéndonos superades y acorralades prácticamente en cada fin de jornada.

¿Esto es una crítica a esta visión del profesor como un ser aguerrido que debe ser un ejemplo a seguir, como un ser que tiene todas las

⁷ O termo "contramanipulação" aprofunda-se nisso, conceito elaborado por Josefa Martín Luengo em "La escuela de la anarquía"

⁸ O que é a educação em si? Para este texto em particular vou ficar com a perspectiva escolar disso e deixar de lado (só por enquanto) que é um processo que acontece além, perdoe a redundância, a escola. Isso porque vou me referir a situações vividas como educador dentro desse tipo de contexto.

⁹ "Paquear" vem de "paco", que é um termo informal para se referir a um policia no Chile. Diz-se estar acompanhando de perto as ações de alguém com atitude inquisitiva.

¹⁰ El término "contramanipulación" ahonda en esto, concepto ideado por Josefa Martín Luengo en "La escuela de la anarquía".

¹¹ ¿Qué es en sí la educación? Para este texto en particular me quedaré con la perspectiva escolarizadora de esta y dejar de lado (solo por ahora) que se trata de un proceso que sucede más allá de, valga la redundancia, la escuela. Esto es debido a que haré referencia a situaciones vivenciadas como educadorx dentro de este tipo de contextos.

¹² "Paquear" proviene de "paco", que es un término informal para referirse a un policía en Chile. Dícese de estar vigilando muy de cerca las acciones de alguien con una actitud inquisidora.



respostas, que nunca erra, que tem vocação e que, em última análise, vê o seu trabalho como um forma de ativismo/militância? Talvez um pouco.

A posição que grande parte das pessoas radicalizadas assume é a de deixar de colaborar e, portanto, de trabalhar no sistema estatal¹³/privado. Mas nem sempre é possível, e no caso de nós que somos professores, não é só chegar e criar uma escola livre do zero. Por um lado, a legislação sobre o funcionamento do sistema educacional varia muito. Por exemplo, no Chile é relativamente fácil criar uma escola desse tipo porque existem os “exámenes libres”¹⁴, mas não no Brasil. E além disso, por que queremos gerar mais escolas? É necessário? Quem frequentaria nossas escolas?

Depois de me fazer esse tipo de pergunta, disse a mim mesmo: bem, pelo menos em um futuro próximo vou ficar dentro do sistema e fazer outras coisas do lado de fora. A seguir, há certas profissões/empregos altamente

respuestas, que nunca se equivoca, que tiene vocación y que, en definitiva, ve su labor como una forma de activismo/militancia? Puede que un poco.

La posición que gran parte de las personas radicalizadas toman es dejar de colaborar, y por ende, trabajar en el sistema estatal¹⁵/privado. Pero no siempre es posible, y en el caso de quienes somos profesores, no es solo llegar y generar una escuela libre desde cero. Por un lado, las legislaciones sobre cómo funciona el sistema educacional varía mucho. Por ejemplo, en Chile es relativamente fácil generar una escuela de ese tipo porque existen los exámenes libres¹⁶, pero en Brasil no. Y más allá de eso, ¿por qué queremos generar más escuelas? ¿Es necesario? ¿Quiénes asistirían a nuestras escuelas?

Después de preguntarme este tipo de cosas me dije: bueno, al menos en el futuro cercano seguiré dentro del sistema y haré otras cosas por fuera. Siguiendo esto, hay ciertas profesiones/labores que están muy

¹³ No rascunho desta redação eu tinha escrito “público”, mas decidí mudar porque considero muito importante deixar de associar o público com a coisa do Estado. Não é o mesmo. O que é estado é público (pelo menos discursivamente), mas o que é público não é estado.

¹⁴ São uma forma de credenciar a cada ano que você estudou um curso de ensino fundamental ou médio, por meio de avaliações das disciplinas “base” no final do ano, possibilitando não frequentar qualquer tipo de instituição ou ir para uma não credenciada pelo Ministério da Educação, como é o caso das escolas livres.

¹⁵ En el borrador de este escrito había escrito “público”, pero decidí cambiarlo porque considero muy importante dejar de asociar lo público con lo estatal. No es lo mismo. Lo estatal es público (discursivamente al menos), pero lo público no es estatal.

¹⁶ Los exámenes libres son una forma de acreditar cada año que cursaste algún curso de enseñanza básica o media, a través de rendir evaluaciones de las asignaturas “base” al final del año, haciendo posible no asistir a ningún tipo de institucional o ir a alguna que no esté acreditada por el ministerio de educación, como es el caso de las escuelas libres.



romantizados e, portanto, precários (ainda mais). Ensinar está dentro desse grupo quando se trata de ser professor por vocação (espero que tudo o que fizemos foi por vocação¹⁷), e que, portanto, temos que suportar tudo e dar tudo. Eu acho que é algo que nós internalizamos muito. Afinal, é o capitalismo que se infiltra em nossos pensamentos. A culpa de não cumprir o seu dever. Mas o que é dar tudo? Se ser professor já é estar em uma situação precária, ser professor queer e crip definitivamente torna isso ainda pior.

Para contextualizar:

Crip é usado como uma reapropriação de um termo pejorativo, resistindo às conotações negativas de deficiência feitas por uma cultura capacitista. A teoria crip, argumenta McRuer, “olha para possibilidades criticamente queer e severamente deficientes para trazer atores deficientes à tona que irão... exacerbar de forma mais produtiva a crise de autoridade que atualmente assedia as normas heterossexuais/capazes”. Por “severamente eficiente” McRuer não está se referindo ao nível de deficiência que uma pessoa deveria ter, mas sim a uma posição queer. Ao considerar “grave” como “feroz” ou “desafiador”, McRuer inverte os padrões das pessoas sem deficiência que veem deficiências graves como aquelas que nunca serão integradas (o ditado de que “todos devem ser incluídos, exceto...”).

romantizadas y, por ello, precarizadas (más aún). La labor docente está dentro de este grupo cuando se reduce a que se es profe por vocación (ojalá todo lo que hiciéramos fuera por vocación¹⁸), y que, por ello, tenemos que soportarlo todo y darlo todo. Creo que es algo que tenemos muy interiorizado. A fin de cuentas, es el capitalismo que se escabulle entre nuestros pensamientos. La culpa de no estar cumpliendo con tu deber. ¿Pero qué es darlo todo? Si ser profesor ya es estar en una situación precarizada, ser un profe queer y crip definitivamente lo empeora aún más.

A modo de contextualización:

Lo “crip” se utiliza como una reapropiación de un término peyorativo, ejerciendo resistencia a las connotaciones negativas de la discapacidad hechas por una cultura capacitista. La teoría crip, argumenta McRuer, “se fija en las posibilidades criticamente queer y severamente discapacitadas para poner en la palestra a los actores discapacitados que... exacerbarán de forma más productiva la crisis de autoridad que actualmente asedia a las normas heterossexuales/capacitistas”. Por “severamente discapacitado” McRuer no se refiere al nivel de discapacidad que se supone que tiene una persona, sino como un posicionamiento queer. Al tomar “severo” como “feroz” o “desafiante”, McRuer invierte los estándares de personas sin discapacidad que ven las discapacidades graves como aquellas que nunca se integrarán (el adagio de “todos deberían estar incluidos, excepto...”).

¹⁷ Pali Guíñez trabalhou na relação entre o conceito husserliano de vocação com ideais anarquistas que aprofunda no que faço referência aqui. Essas reflexões estão em seu texto intitulado “Husserl y el pensamiento socialista y libertario de su tiempo: elementos histórico-biográficos para un programa de investigación”.

¹⁸ Pali Guíñez ha trabajado la relación entre el concepto Husserliano de vocación con los ideales anarquistas que profundiza sobre lo que hago referencia en este paréntesis. Dichas reflexiones están en su texto titulado “Husserl y el pensamiento socialista y libertario de su tiempo: elementos histórico-biográficos para un programa de investigación”.



A partir de seu status marginal, “deficiências graves” e sujeitos queer se posicionam para reentrar nas margens e apontar as inadequações dos pressupostos heterossexuais e capacitistas¹⁹.

Tomando esta perspectiva queer e disca, venho propor que redefinamos o conceito de “dar tudo”, porque todos damos o que podemos e isso é nosso “dar tudo”. É tão fácil. Quando somos queer e crip visíveis esperam que estejamos sempre defendendo essas lutas com unhas e dentes, venho dizer que não precisa ser assim, somos seres desgastados por existir em um mundo que não nos consideram e nem sempre temos que andar corrigindo tudo, porque se fosse assim, estaríamos fazendo isso o dia todo, principalmente com a violência capacitista, que é ainda mais invisível.

Essa visão que defendo muitas vezes conflita com minha vocação pedagógica, em parte é aí que devem entrar os chamados “aliados”, não ficar calados e dizer quando as pessoas estão caindo na violência queer e crip, além do fato de que distingo-me dessas ideias relacionadas ao que é aliado de uma luta política que “não lhe pertence”, e com ela, da ideia de sujeito político, mas não é relevante agora.

Desde su estado marginal, las “discapacidades severas” y los sujetos queer se posicionan para volver a entrar en los márgenes y señalar las insuficiencias de los supuestos heterossexuales y capacitistas²⁰.

Tomando esta perspectiva marica y disca, vengo a proponer que resignifiquemos el concepto de “darlo todo”, pues todes brindamos lo que podemos y ese es nuestro *darlo todo*. Es así de simple. Cuando somos personas queer y crip visibles esperan que estemos siempre defendiendo esas luchas a capa y espada, vengo a decir que no tiene por qué ser así, somos seres que pasan desgastados por existir en un mundo que no nos considera y no siempre tenemos que andar corrigiendo todo, porque si fuera el caso, estaríamos todo el día haciéndolo, sobre todo con la violencia capacitista, que está aún más invisibilizada. Esta visión que defiendo muchas veces se conflictúa con mi vocación pedagógica, en parte ahí es donde tienen que entrar les llamades “aliades”, a no quedarse callades y decir cuando las personas están cayendo en violencias queer y crip, más allá de que difiero de estas ideas relacionadas a lo que es una aliade de una lucha política que “no le pertenece”, y con ello, de la idea de sujetx políticx, pero eso ahora no va al caso.

¹⁹ Tradução própria do texto “Queer-Crippling Anarchism: Intersections and Reflections on Anarchism, Queerness, and Dis-ability”, de liat ben-moshe, anthony j. nocella, II, y a.j. withers. O texto de Mc Ruer referenciado é “Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability”.

²⁰ Traducción propia del texto “Queer-Crippling Anarchism: Intersections and Reflections on Anarchism, Queerness, and Dis-ability”, de liat ben-moshe, anthony j. nocella, II, y a.j. withers. El texto de Mc Ruer referenciado es “Crip Theory: Cultural Signs of Queerness and Disability”.



No semestre passado eu tive que fazer um estágio em uma escola, na primeira aula que eu tive com um 6º de ensino fundamental, minha presença transmasculina gerou mais comoção do que na 5º onde eu costumava fazer aulas, com as quais minha identidade nunca foi questionada e eles foram corrigidos entre eles quando estavam errados e me trataram em feminino. Bom, nesse outro curso eu tive que ficar sozinho o dia todo porque o professor teve que sair da sala para resolver algumas coisas. Depois de me apresentar, uma aluna se aproximou de mim para me dizer que um grupo de crianças que estava sentado no final estava falando sobre como eles “não concordavam” com a forma como eu me apresentava e que eu era mulher e aquelas falas típicas. Nesse ponto, eu tinha duas opções; ou continue com a aula ignorando a situação ou resolva-a. Resolvi falar sobre isso, perguntando para a turma em geral como eles me viam e passamos a hora inteira conversando sobre isso. Uma situação semelhante aconteceu comigo com crianças do primeiro ano do ensino fundamental em uma escola rural onde “acreditaram em mim” ainda menos, onde eu simplesmente decidi reafirmar que eu era tio e não tia, e não me aprofundi mais porque eu não tinha energia para mais. E esse é o ponto, também é válido não dizer nada e continuar com a nossa existência. Não devemos explicações a

El semestre pasado me tocó hacer una práctica en una escuela, en la primera clase que me tocó con un sexto básico mi presencia transmasculina generó más conmoción que en el quinto básico donde usualmente hacía clases, con el cual nunca se cuestionó mi identidad y se corregían entre ellos cuando se equivocaban y me trataban en femenino. Bueno, en este otro curso me tocó estar solo toda la jornada porque la profesora tuvo que salir de la sala a resolver unas cosas. Al rato de presentarme, una estudiante se me acercó a decirme que un grupo de niños que estaban sentados al final estaban hablando sobre que “no estaban de acuerdo” con cómo me presentaba y que yo era mujer y esos típicos discursos. En ese momento, tenía dos opciones; o seguía con la clase ignorando la situación, o lo abordaba. Decidí hablar al respecto, preguntándole al curso en general sobre cómo me percibían y estuvimos toda la hora conversando al respecto. Me pasó una situación similar con niños de primer ciclo de básica en una escuela rural donde “me creían” aún menos, donde decidí simplemente reafirmar que yo era tío y no tía, y no ahondé más porque no tenía energías para más. Y ese es el punto, es también válido no decir nada y seguir con nuestra existencia. No le debemos explicaciones a



ninguém, nem aos nossos alunos. Por mais que seja ideal poder educar sobre isso. Mas não escolhemos ser queers e discas, as estruturas de poder nos incapacitaram e nos chamaram de degenerados. Não temos a obrigação moral de pregar sobre teoria queer e crip toda vez que ouvimos algo errado, e não temos que nos sentir culpados por não querer justificar nossa existência. Claro que vamos querer fazer, mas tudo no nosso ritmo, nada mais. Temos o direito à mediocridade, de não sermos nem militantes nem professores exemplares. Esse ideal é um conceito neoliberal.

Não sei se este será um chamado para não ceder à culpa, ou tentar voltar aos nossos grupos de afinidade e cuidado. Mas quero te dizer que sempre podemos tentar de novo. Vamos gerir nos espaços culturais e educativos que já existem e criar outros quando quisermos e pudermos, nada mais. Geraremos instâncias de resistência dentro de nossas possibilidades. Vamos voltar juntos. Criamos coletividades discas e marikas onde elas não existem, mesmo na virtualidade, instância que gera desconfiança em tantos anarquistas, injuriando os chamados “ciber-militantes”.

Vamos resistir em todas as trincheiras que pudermos. Que a escola não nos absorva. Muitos de nós terão que ficar lá pelo

nadie, incluso a nuestros estudiantes. Por más que sea ideal poder educar al respecto. Pero no elegimos ser marikas y discas, las estructuras de poder nos discapacitaron y nos llamaron degenerados. No tenemos la obligación moral de andar predicando sobre teoría queer y crip cada vez que escuchamos alguna cosa errónea, y no tenemos que sentirnos culpables por no querer justificar nuestra existencia. Claro que vamos a querer hacerlo, pero todo a nuestro ritmo, nada más. Tenemos derecho a la mediocridad, a no ser ni militantes ni profesores ejemplares. Ese ideal es un concepto neoliberal.

No sé si este será un llamado a no dejarnos caer ante la culpa, o intentar volver a nuestros grupos de afinidades y de cuidado. Pero quiero decirte que siempre podemos volver a intentarlo. Apañemos en los espacios culturales y de educación que ya existen y creemos otros cuando queramos y podamos, nada más. Generemos instancias de resistencia dentro de nuestras posibilidades. Volvamos a juntarnos. Creemos colectividades discas y marikas en donde no existan, incluso dentro de la virtualidad, instancia que a tanto anarquista le genera recelo, denostando a les llamades “cibermilitantes”.

Resistamos en cada trinchera que podamos. Que el colegio no nos absorba. Muchas tendremos que seguir ahí dentro al



menos por um tempo, mas vamos criar espaços de solidariedade e apoio mútuo que mantenham nossos ideais na superfície. Nossas ações não precisam ser ininterruptas ao longo do tempo ou ter sempre a mesma intensidade. Acima de tudo, temos que nos acompanhar e gerar instâncias de cuidado, entendendo que todes damos o que podemos, independentemente de como isso é demonstrado quantitativamente. Abracemos verdadeiramente os ideais libertários com uma perspectiva queer e disca, deixando de lado a máquina neoliberal e punitiva que nos come de culpa por não sermos o militante ideal, e ao mesmo tempo purguemos o movimento anarquista dessas ideias, que abundam. Como alguns educadores anarquistas anglo-saxões colocaram:

Adoramos ensinar e aprender com amor. O amor enche nossas práticas de anarquia. E escrever esta peça em particular foi feito com amor: um para o outro ensinar e aprender, para a vida. Que todos nós possamos encontrar maneiras de decretar a anarquia e criar utopias temporárias de amor, aprendizado e ensino agora, enquanto nos movemos em direção a um futuro onde essas criações podem durar. E enquanto fazemos isso, podemos nos apaixonar pela vida, de novo e de novo e de novo²¹.

Por fim, recomendo a leitura do texto “Queer-Crippling Anarchism: Intersections and Reflections on Anarchism, Queerness, and Dis-ability”, de liat ben-moshe, anthony j. nocella, II, y a.j. withers que reflete e critica

²¹ *Amando-Enseñando: Notas para una pedagogía anarquista queer*. Jamie Heckert, Deric Michael Shannon, Abbey Willis.

menos por un tiempo, pero acudamos y creemos espacios de solidaridad y apoyo mutuo que mantengan nuestros ideales a flor de piel. Nuestro accionar no tiene por qué estar ininterrumpido en el tiempo ni siempre poseer la misma intensidad. Sobre todo, tenemos que acompañarnos y generar instancias de cuidado, entendiendo que todes damos lo que podemos, independiente de cómo esto se demuestre cuantitativamente. Abracemos de verdad los ideales libertarios desde una perspectiva queer y disca, dejando de lado la máquina neoliberal y punitiva que nos carcome con culpa por no ser el militante ideal, y a la vez depuremos al movimiento anarquista de estas ideas, las que abundan. Como dijeron unos educadores anarquistas anglosajones:

Amamos enseñar y aprender con amor. El amor llena nuestras prácticas de anarquía. Y escribir esta pieza en particular se ha hecho con amor: el uno para el otro para enseñar y aprender, para la vida. Que todos podamos encontrar formas de representar la anarquía y crear utopías temporales de amor, aprendizaje y enseñanza ahora, incluso mientras avanzamos hacia un futuro donde esas creaciones puedan durar. Y mientras lo hacemos, que nos enamoremos de la vida, una y otra y otra vez²².

Por último, recomiendo muchísimo leer el texto “Queer-Crippling Anarchism: Intersections and Reflections on Anarchism, Queerness, and Dis-ability”, de liat ben-moshe, anthony j. nocella, II, y a.j. withers, que reflexiona y critica

²² *Amando-Enseñando: Notas para una pedagogía anarquista queer*. Jamie Heckert, Deric Michael Shannon, Abbey Willis.

as dinâmicas do movimento anarquista a partir de uma posição queer e crip. estou trabalhando em uma tradução em espanhol que provavelmente publicarei no fanzine Bugambilia de @colectivabrotar, e farei o possível para traduzi-lo em português para meus amigos de língua portuguesa.

las dinámicas del movimiento anarquista desde una posición queer y crip. Estoy trabajando en una traducción al español que probablemente publicaré en el fanzine Bugambilia de @colectivabrotar, y haré lo posible para traducirlo al portugués para mis amigos de habla portuguesa.

